

Ludicidade na alfabetização

Eliana Maria Pito Neves¹

Resumo: Experiências em alfabetização, permeadas de ludicidade.

Palavras Chave: Alfabetização; ludicidade; atividades escolares.

Abstract: Experiments in literacy with ludic activities.

Keywords: Literacy. School activities. ludic activities.

1. Introdução

Ao pensar em meu trabalho em 2013 com os pequenos do 1º ano, percorri um caminho de elaboração teórica, de reflexão crítica sobre o que aproveitar das propostas do curso do PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa) e de como eu deveria organizar o meu trabalho pedagógico com os alunos.

Nessa perspectiva, penso em um projeto interdisciplinar, ludicidade na sala de aula, atividades de consciência fonológica, roda de leitura, roda de conversa, atividades de escrita, intervenções pessoais na hipótese de escrita e leitura dos alunos e agrupamentos em duplas conforme a zona proximal de aprendizagem.

2. Um projeto interdisciplinar

É experiência comum que as crianças, por meio de motivação, interesse, curiosidade, questionamentos e alegria criam condições para que o meio físico e o meio humano constituam uma fonte de atividades e de descobertas felizes.

Assim, resolvi convidar a colega Miriam Milanelo para participar do projeto “Saída a Campo”, pois seus conhecimentos enriqueceriam a proposta: além de ela ser professora do fundamental II de Ciências, responsável pelo laboratório de Ciências da escola “João Ramos” e ter uma empresa de consultoria ambiental, sabe muito sobre botânica e animais.

A ideia do projeto surgiu quando eu andava de bicicleta com meu filho na rua Eleutério da Silva, e pensei ao pedalar: “nesta rua há muitas árvores e também o famoso córrego Esmaga Sapos, seria muito interessante trazer meus alunos aqui, pois é bem próximo da escola e podemos vir a pé.”

Quando convidei a Miriam, ela prontamente ficou empolgada, foi até o local e esteve também na rua Bento Soares. Ao voltar, disse-me que nas ruas há uma enorme diversidade de plantas, mas não de animais e que nós duas poderíamos ir com as crianças pelas ruas e que elas iriam, cada um com uma prancheta, fazendo as anotações e na volta do passeio terminaríamos indo ao laboratório da escola e que ela mostraria o sapo vivo e falaria de curiosidades sobre esse animal e tiraria todas as dúvidas que pudessem surgir.

Algumas fotos ajudarão a compreender a atividade.

¹. Professora concursada de Ensino Fundamental I da rede municipal de São Paulo. EMEF João Ramos Pernambuco Abolicionista, São Paulo.



As muitas fotos que tiramos, além de documentar a “pesquisa”, acompanhando o registro do que as crianças observaram e compartilharam com os colegas, eram também um produto final da atividade: exposição na escola.

Em termos formais, o Projeto foi apresentado do seguinte modo:

Projeto Saída a Campo

Identificação: Aula-passeio com os alunos do 1ºano A do ensino fundamental da Escola EMEF “João Ramos”, localizada perto da Serra da Cantareira.

Roteiro: Passeio a pé pelas ruas “Eleutério da Silva” e “Bento Soares”.

Data da visita:05/06/2013

Hora da saída:14:00 hs

Hora da chegada:16:30 hs

Observação e exploração do local.

Areas do conhecimento: Ciências, Português, Geografia e Artes

Tempo previsto: Cinco dias

Justificativa: A escolha do local foi feita devido à importância que tem em relação com a preservação da natureza, a diversidade de espécies de plantas e a preocupação com a qualidade de vida das pessoas (sendo motivo de preocupação a poluição do córrego “Esmaga Sapos”, usado como “depósito de lixo”)

Etapas (im)previstas de atividades:

- a. Compartilhar o projeto com os alunos.
- b. Atividades de sistematização (anotar o que eles esperam encontrar na Saída a Campo).
- c. Orientações para a Saída a Campo.
- d. Registro da observação de campo na prancheta.
- e. Organizar os elementos observados no passeio em três colunas (animais, plantas e outros elementos).
- f. Produzir poemas em duplas sobre animais de estimação, com ilustrações.
- g. Quando chegar do passeio ir ao laboratório de Ciências da escola, conhecer o sapo Godofredo.
- h. Curiosidades sobre o sapo e alimentação do sapo.
- i. Os alunos viram o sapo se alimentando.
- j. O sapo fez xixi e molhou a sandália da professora Miriam(ele ficou assustado com a euforia das crianças).
- k. Desenharam o trajeto deles fora da escola (a criança para realizar essa atividade precisa refletir sobre o que costuma observar e terá que pensar nos elementos essenciais para a representação cartográfica).

Ao compartilhar o projeto com os alunos,percebi o entusiasmo da classe: finalmente uma aula fora do ambiente escolar,uma aula interessante e diferente. Primeiro, fizemos uma lista sobre o que eles esperavam encontrar na Saída a Campo, falaram que iam encontrar pedra, terra, plantas, animais e rio.

Depois estabeleci alguns combinados com a turma, como andar em fila, não ultrapassar o amigo e nem empurrar o colega, não sair correndo, atravessar a rua juntos com as professoras e a inspetora Lúcia, não arrancar plantas sem a autorização da professora Miriam (levaram boldo para casa, porque a professora permitiu) e não sair gritando na rua em hipótese alguma.

Quanto ao registro da observação de campo na prancheta, eles tinham que observar e desenhar o animal e a planta que mais chamou a atenção deles e finalmente desenhar um outro elemento que eles observaram e chamaram a atenção dos alunos.

No laboratório de Ciências, já dentro da escola, eles conheceram o sapo, cujo nome é “Godofredo”, deram larva de tenébrio (que é o futuro besouro após o estágio da pupa) para o sapo comer, viram o sapo se deliciando com as larvas e perceberam que o sapo estava assustado com tantas crianças gritando, o “Godofredo” acabou fazendo xixi e sujando a sandália da professora Miriam, que levou um susto, ela explicou que o sapo faz xixi quando se assusta, é o mecanismo de defesa do sapo.

Como “produto final” do projeto: carta para os alunos de outra classe, contando o que aprendemos (no caso, eu fui a escriba...) e formalizando a comunicação. E a Exposição das fotos tiradas no Projeto.

3. Ludicidade na sala de aula e consciência fonológica

Em 2013 tive muita dificuldade em alfabetizar os alunos, embora a sala fosse pequena, com poucos alunos e eu tenha já muitos anos de experiência com primeiro ano.

No início do ano letivo, dos vinte e dois alunos frequentes, duas crianças já conheciam o sistema de escrita (nível alfabético), restando vinte na hipótese de escrita (pré-silábico). No mês de abril, quatorze alunos avançaram em suas hipóteses de escrita (silábico com valor sonoro nas vogais), os outros seis avançaram em suas hipóteses de escrita (silábico sem valor sonoro).

De abril até agosto, doze crianças permaneceram silábicas com valor sonoro nas vogais sem avançar, ou seja, estagnaram nessa hipótese; das catorze crianças silábicas com valor sonoro, apenas duas dentro desse período conseguiram ficar alfabéticas: portanto, eu continuava com um índice alto de crianças que não progrediam.

Por mais que eu trabalhasse a escrita e a leitura, eles não avançavam, não se concentravam, levantavam muitas vezes das carteiras e queriam muito brincar, enquanto eu, o tempo todo, pedía para que se sentassem.

Trabalho na escola João Ramos Pernambuco Abolicionista, localizada na Zona Norte de São Paulo, uma escola grande, bem localizada, mas a comunidade é carente, embora tenha melhorado muito nos últimos anos. 2013 foi um ano bem particular, percebi que meus alunos necessitavam brincar, eles não conseguiam permanecer uma hora sentados e enfileirados em duplas, com atividades de caderno e exercícios de Caderno de Apoio.

Resolvi, então, ser mais cuidadosa com o brincar e o aprender (ambos são direitos de todas as crianças), mesmo sob a pressão de prazos e metas de alfabetização. Brincar não é perder tempo, é ganhar a criança para si: elas acabam ficando mais próximas do professor, possibilitando assim que a aprendizagem aconteça.

Comecei a refletir e pensei que eu precisava enfocar a necessidade de trabalhar a consciência fonológica que é a habilidade de perceber a estrutura sonora de palavras, ou de parte de palavras e está ligada ao aprendizado da leitura e escrita.

Para os alunos se tornarem alfabéticos precisam reconstruir algumas propriedades do SEA (Sistema de Escrita Alfabético). Pensei na estrutura predominante do português, que é a sílaba CV (consoante-vogal), e todas as sílabas do português contêm, ao menos, uma vogal.

O importante é a professora não desanimar, procurar novos caminhos, agilizar, focar o trabalho da consciência fonológica de forma sistemática com prazer e reflexão. E meus alunos precisavam de atividades lúdicas que possibilitassem a reelaboração criativa de sentimentos e conhecimentos e edificassem novas possibilidades de interpretação e de representação do real, de acordo com suas necessidades, seus desejos e suas paixões.

Nesta perspectiva, inventei a Casinha das Cinco Irmãzinhas (casinha das vogais). Eles aprenderam a cantar a música das cinco irmãzinhas e a brincar com uma casinha em miniatura de verdade. As priminhas (consoantes) iam visitar as irmãzinhas (vogais), as letrinhas se abraçavam e formavam uma sílaba CV(consoante-vogal).



Quando o “B” abraçava o “A” ficava “BA” e assim acontecia com todas as consoantes quando abraçavam as vogais. Conteí uma história que ia mudando o tempo todo e eles não ficavam enjoados: amavam a casinha das cinco irmãzinhas e gostaram tanto que chegaram a celebrá-la nas duas assembléias que realizamos naquele ano.

Para cada priminha (consoante) que ia visitar as irmãzinhas, eu criava uma história diferente: as priminhas iam de carro, levavam presentes, as irmãzinhas foram de carro ao parque com uma das consoantes e andaram na roda-gigante. As crianças faziam o barulho do telefone e da campainha, quando uma priminha (consoante) chegava na casa ou telefonava para as vogais. Tivemos o aniversário da vogal “A” e o Natal na casa das cinco irmãzinhas, com direito a um bolo em miniatura de verdade.

Depois da brincadeira com a casinha, fazíamos listas com palavras que tinham o mesmo som e este som era escolhido pelos próprios alunos. Após a história da casinha das cinco irmãzinhas, os alunos escolhiam a sílaba que seria usada para fazer a lista com palavras que tinham o mesmo som.

Ex: “TE” de tesoura (terremoto, telhado, teia, temor, tecelagem, terra, terreno e etc).

A professora deve introduzir a proposta da brincadeira da casinha, levando em consideração que as atividades realizadas depois devem favorecer a apropriação do sistema de escrita, tais como: compreender que palavras diferentes compartilham

certas letras; perceber que palavras diferentes variam quanto ao número, repertório e ordem de letras; contar oralmente as sílabas de palavras e compará-las quanto ao tamanho, além de dominar as correspondências entre letras ou grupos de letras e seu valor sonoro.



De maneira alguma a brincadeira da casinha é voltada para a silabação; o que se faz depois da casinha é trabalhar com atividades voltadas para o sistema de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética, inclusive trabalhar muito com o alfabeto móvel. Durante a brincadeira da casinha eles brincam com as sílabas; portanto não é um trabalho voltado à “cartilha”, a decorar sílabas na sequência do alfabeto, de forma enfadonha e sem nexos.



Os doze alunos permaneceram estagnados na hipótese de escrita e leitura silábica com valor sonoro durante alguns meses. Grande foi a minha surpresa quando eles avançaram para a hipótese de escrita alfabética depois que comecei a trabalhar com a casinha das cinco irmãzinhas: foi evidente a mudança.

Eles pediam para que eu apresentasse a casinha quase todos os dias.

E disputavam entre eles que priminha (consoante) iria visitar as irmãzinhas (vogais). O aluno “Nicolas” estava maravilhado, ele disse “Prô Eliana, agora eu estou conseguindo ler, até minha mãe disse que eu aprendi a ler.”



É muito claro que os alunos avançaram porque eu trabalhei a consciência fonológica com a classe, pois seria necessário que eles percebessem a estrutura sonora de palavras, ou de parte de palavras e também que a frase se divide em unidades, estas em sílabas e as sílabas em fonemas e a consciência de que essas unidades se repetem em diferentes palavras faladas.

A casinha foi a aproximação do lúdico, uma brincadeira estimulante, favorecendo a aprendizagem, possibilitando que eu trabalhasse a consciência fonológica.

Considerações finais

O que proponho é que a escola seja inclusiva e centrada no prazer de aprender e que nossos alunos possam aprender de forma mais reflexiva e com menos “decoreba”.

Ressalto também a importância de se trabalhar com palavras que comecem com o mesmo som (não necessariamente palavras do mesmo grupo semântico), principalmente com aquelas crianças que tem mais dificuldade.

Não basta ter consciência fonológica; as habilidades para que as crianças avancem são necessárias havendo reflexão sobre as partes orais e escritas através de parlendas, cantigas e jogos.

A casinha resgata uma brincadeira doméstica, cujo objetivo é pré-estabelecido pela professora e na própria brincadeira. As crianças se organizam e resolvem como brincar.

Concluindo, a brincadeira com a casinha é uma excelente oportunidade de mediação entre o prazer e as relações consciência fonológica / aprendizagem do Sistema de Escrita Alfabética. Por meio da casinha pode-se criar um entusiasmo sobre o conteúdo a ser trabalhado.

Recebido para publicação em 14-01-14; aceito em 13-02-14